

Sumário

Artigos

7 Venezuela: em direção ao socialismo do século XXI?

Margarita López Maya
Luis E. Lander

As vitórias eleitorais recentes (2004 e 2006) de Chávez fortaleceram a legitimidade do seu projeto político. Elas foram ajudadas pelo mercado petrolífero internacional, que garantiu preços altos e crescimento econômico, e por um conjunto expressivo de políticas públicas que melhoraram sensivelmente os indicadores socioeconômicos da população mais pobre. Finalmente, houve a fraqueza da oposição, que não apresentou alternativas confiáveis. Dentro da sua Alternativa Bolivariana, o presidente da Venezuela tentou ocupar o espaço vazio da Alca, procurando intensas aproximações com Caribe, Argentina, Brasil e Bolívia. Os resultados eleitorais mostraram que as classes média e alta tenderam a votar na oposição, enquanto as classes populares votaram maciçamente em Chávez. Durante a campanha ele usou dois discursos diferentes, às vezes contraditórios. Um deles centrou-se na confrontação, que garantiu ótimos resultados em tempos de crise. O outro no amor e na paz, com mais tolerância para quem não partilha de seus projetos. Mas o que desperta mais inquietação são as idéias de reeleição renovada e a criação de um novo “poder popular”, que parecem contidas no “socialismo do século XXI”. Os diferentes setores do chavismo ainda tentam acomodar-se e resolver suas contradições.

23 América Latina e a Sociedade da Informação

Raúl Bernal-Meza
Gustavo Alberto Masera

Os impactos da sociedade da informação fazem-se sentir progressivamente em todos os planos e dimensões da vida social, econômica e política, incluindo as relações internacionais. Esse processo possui tanto uma fundamentação ideológica particular como uma funcionalidade direta *vis-à-vis* à expansão das corporações transnacionais. O Conselho Econômico e Social das Nações Unidas reconheceu a enorme importância das tecnologias da informação para construção de uma economia global, mas ressaltou que é necessário garantir que ela se oriente para o crescimento com equidade. Isso porque o conhecimento e a apropriação dos frutos do progresso tecnológico constituem “atributos de poder” no sentido mais clássico do termo; e um dos problemas centrais das tecnologias da informação é a contradição entre informação aberta e concentração do poder. Ela aprofunda a depen-

43 A vitória final de Fidel

Julia E. Sweig

dência e a divisão entre países pobres e ricos, e reestruturou as relações sociais e internacionais sob uma perspectiva exclusivamente tecnológica. A compreensão dessas novas realidades é fundamental para se poder ajudar a América Latina, a partir de uma correta formulação de políticas visando a minimizar seus efeitos negativos e potencializar suas vantagens.

Desde 1959, Washington aguarda ansiosamente a queda de Fidel, certa de que uma população oprimida clamaria por ajuda do Norte e transformaria Cuba numa democracia ligada aos Estados Unidos. Fidel saiu de cena e as mudanças são imperceptíveis aos norte-americanos. Agora que sua credibilidade no resto do mundo chegou ao ponto mais baixo de todos os tempos, os EUA precisam reconhecer que têm poucos meios de influenciar Cuba depois que Fidel se for. A ilha está longe de ter uma democracia multipartidária, mas seus cidadãos têm opiniões fortes, suas autoridades são eleitas localmente, seu serviço público é bem-educado e seu corpo diplomático é capaz. Os programas de benefícios sociais ainda são amplos, o investimento em capital humano é de qualidade, e há a sensação generalizada de que Raúl Castro é o homem certo para enfrentar a corrupção que aumentou e estabelecer uma forma de governança com mais legitimidade. Há interesses comuns: impedir uma crise de refugiados em ambos os lados do Estreito da Flórida, controlar o tráfico de drogas, a segurança alfandegária, o terrorismo e as conseqüências ambientais da perfuração em alto mar no Golfo do México. Diminuir a hostilidade dos Estados Unidos à Cuba ajudará a compor uma administração bilateral das crises e promover a confiança, permitindo reformas no ritmo possível.

57 O novo Oriente Médio

Richard N. Haass

As ilusões americanas de um Oriente Médio europeizado – próspero, pacífico e democrático – chegaram ao fim. Entramos numa era em que os atores externos terão um impacto relativamente pequeno, com as forças locais radicais ganhando poder e comprometendo-se com a mudança do *status quo*. A liberdade sem precedentes que o fim da Guerra Fria deu à ação dos Estados Unidos na região desapareceu. A primeira causa foi a invasão do Iraque, acarretando o fim do domínio sunita naquele país, bem como a associação de democracia com perda da ordem pública. Uma das conseqüências foi um aumento do antiamericanismo. As outras: o fracasso dos regimes tradicionais árabes no combate ao islamismo radical; e o acesso a fundos, armas, idéias e seguidores facilitados pela globalização. Os EUA serão cada vez mais contestados em sua política para o Oriente Médio, o Irã se firmará como um dos Estados mais poderosos da região, o Iraque continuará caótico por muitos anos e o Islã preencherá ainda mais o vácuo intelectual do mundo árabe. Para lidar com esse quadro, os Estados Unidos devem acentuar a diplomacia e intervir cada vez mais com ferramentas não-militares, bem como dar incentivos ao Irã e diminuir sua dependência energética da região.

Passagens

65 Os mitos de Pinochet

Arturo Valenzuela

A morte do general Augusto Pinochet ajuda a encerrar um dos capítulos negros do século XX: a destruição de uma das democracias mais longas do continente americano. O governo Bachelet fez bem em não lhe permitir as honras de chefe de Estado. Esta é uma boa oportunidade de pôr fim a certos mitos pinochetianos que a imprensa internacional repetiu no seu falecimento. O mais nefasto é que o Golpe de 1973 se deu porque o Chile estaria à beira de uma guerra civil. O outro enaltece Pinochet como o grande modernizador do Chile e pela luz verde que deu aos economistas da Escola de Chicago, potencializando o setor privado e a abertura econômica. Hoje sabemos que o êxito das reformas se deveu mais à qualidade das instituições do país e à transparência das regras do jogo do que das características das receitas técnicas como tais. Finalmente, pensar que Pinochet foi o artífice da democracia chilena é desprezar o legado democrático do país e a capacidade dos democratas de encontrar a reconciliação apesar da repressão. Com as recentes revelações de corrupção, Pinochet corre o risco de ser recordado não só por seus abusos dos direitos humanos, mas por ter sido um mero ditador ao estilo das repúblicas bananeiras.

Documentos

69 Pronunciamento final de Kofi Annan

No mundo de hoje, a segurança de cada um está ligada a todos os outros. Contra ameaças como o terrorismo, a gripe aviária ou a mudança climática, nenhuma nação pode pretender garantir a sua própria segurança buscando a supremacia sobre as outras. Isso também significa que o respeito pela soberania nacional não pode mais ser usado como um escudo para governos que pretendam massacrar seu próprio povo ou como desculpa para que nós não façamos nada enquanto crimes hediondos são cometidos. Temos uma responsabilidade com as gerações futuras de preservar os recursos que pertencem tanto a eles como a nós e sem os quais eles não poderão sequer existir. A solidariedade global é necessária e possível, o que se aplica igualmente sobre a economia global de mercado, em que bilhões de seres humanos são abandonados à profunda pobreza ou jogados nessa condição. Os direitos humanos e o estado de direito são vitais à segurança e prosperidade global.

Livros

75 10 anos de OMC: uma análise do sistema de solução de controvérsias e perspectivas

Luiz Olavo Baptista, Umberto Celli

Junior e Alan Yanovich (orgs.)

Alberto do Amaral Júnior

81 *Théorie des relations internationales*

Jean-Jacques Roche

Paulo-Edgar Almeida Resende

87 *O estudo das relações internacionais do Brasil. Um diálogo entre a diplomacia e a academia*

Paulo Roberto de Almeida

Christian Lohbauer

91 *Against the flow: reflections of an individualist*

Samuel Brittan

Helga Hoffmann

Índices Remissivos

95 *Guia para consulta dos índices*

99 *Autores*

143 *Assuntos*

231 *Onomástico*

265 *Geográfico*

Este número edita, finalmente, amplo Índice Remissivo dos 58 volumes que cobriram os 15 anos de existência da *Revista Política Externa*, facilitando a pesquisa de interessados e especialistas. Ele será encontrado ao final desta edição e compõe-se de um Guia explicativo aos seguintes itens: Autores, Assuntos, Onomástico e Geográfico. Assim fazendo, cumprimos dois objetivos importantes: atendemos a insistentes reclamos dos nossos leitores e prestamos uma última homenagem a seu fundador Fernando Gasparian.